

## SÉRIES LONGAS MENSAIS PARA A ECONOMIA PORTUGUESA\*

Cláudia Duarte\*\*

## 1. INTRODUÇÃO

A existência de séries que cubram um período de tempo razoável é crucial para o trabalho empírico em macroeconomia, para o processo de formulação de políticas macroeconómicas e para o desenvolvimento de uma perspectiva histórica da evolução económica. Apesar de, já há algum tempo, se ter vindo a registar uma preocupação em recolher séries longas, a existência de revisões periódicas, mudanças de bases, actualizações de inquéritos e ajustamentos de conceitos e de classificações vem, frequentemente, gorar os esforços feitos nesse sentido.

Neste contexto, o objectivo deste artigo é construir séries longas mensais, para a economia portuguesa, utilizando para isso os vários segmentos das séries, que foram recolhidos ao longo do tempo<sup>(1)</sup>. As séries escolhidas referem-se a indicadores económicos gerais, que já eram divulgados no *Boletim Estatístico* do Banco de Portugal e para os quais a compilação de séries longas é uma ambição passível de ser concretizada. Mais concretamente, a base de dados abrange as seguintes variáveis: índice de produção industrial (IPI); índice de volume de negócios na indústria e no comércio a

retalho (IVNEI e IVNCR); índice de preços no consumidor (IPC); dormidas; e variáveis qualitativas, relativas aos inquéritos de conjuntura à indústria transformadora, à construção e obras públicas e ao comércio<sup>(2)</sup>.

Até agora, embora fosse possível reunir informação passada, apenas o segmento mais recente das séries era divulgado no *Boletim Estatístico*, devido à existência de quebras metodológicas, tais como mudanças de bases, que impossibilitavam o acesso a séries longas consistentes. A base de dados de séries longas apresentada neste artigo passará a ser divulgada e actualizada regularmente nas edições do *Boletim Estatístico* (ver em [www.bportugal.pt](http://www.bportugal.pt)).

A construção de séries longas a partir de vários segmentos de séries, que representam diferentes realidades e conceitos, é inegavelmente difícil e potencialmente controversa. Ao escolhermos um método de retropolação, somos confrontados com várias opções e, frequentemente, não é possível escolher o método “certo” simplesmente porque ele não existe. Assim sendo, neste artigo é dado destaque a metodologias de retropolação simples e apelativas. Conforme o tipo de dados a ser analisado, nomeadamente consoante se trate de dados quantitativos ou qualitativos, são utilizadas abordagens diferentes. Porém, em qualquer dos casos, assume-se sempre que o segmento mais recente se mantém inalterado.

\* As opiniões expressas neste artigo são da inteira responsabilidade dos autores e não coincidem necessariamente com a posição do Banco de Portugal. A autora agradece os comentários e sugestões de Cristina Fernandes (INE), Teresa Nascimento, António Rua, Fátima Cardoso, Hugo Reis, Luís Morais Sarmiento e Paulo Esteves. Qualquer erro ou omissão é da exclusiva responsabilidade da autora.

\*\* Departamento de Estudos Económicos do Banco de Portugal.

(1) Este texto assemelha-se nos seus objectivos às Séries Históricas Anuais para a Economia Portuguesa no período pós-Segunda Guerra Mundial (Pinheiro *et al.*, 1999) e às Séries Trimestrais para a Economia Portuguesa: 1977-2003 (Castro e Esteves, 2004).

(2) Apesar deste artigo tratar principalmente de séries mensais, também são consideradas algumas séries trimestrais, relativas aos inquéritos de conjuntura à indústria transformadora e ao comércio, de modo a analisar exaustivamente o conjunto seleccionado de séries divulgadas no *Boletim Estatístico*.

Este artigo está organizado da seguinte forma. A segunda secção apresenta uma descrição dos métodos utilizados e a discussão dos resultados obtidos: a secção 2.1 refere-se às variáveis quantitativas (indicadores de actividade económica (secção 2.1.1) e índice de preços no consumidor (secção 2.1.2)), enquanto a secção 2.2 debruça-se sobre as variáveis qualitativas. Finalmente, na terceira secção apresentam-se algumas conclusões.

## 2. COMPILAÇÃO DE SÉRIES LONGAS

Qualquer método de compilação de séries longas assenta na hipótese de que os vários segmentos originais espelham a mesma série, isto é, o mesmo fenómeno. Dado que a verdadeira série longa é desconhecida, para tornar possível a compilação de séries longas assume-se que o segmento mais recente das séries partilha as características básicas da verdadeira série longa.

Esta hipótese tem duas implicações directas: em primeiro lugar, implica que o segmento mais recente deve ser mantido inalterado; e, em segundo lugar, significa que as características básicas deste segmento devem ser utilizadas como referência na avaliação dos outros segmentos.

Para verificar a similitude entre os vários segmentos, nos períodos comuns, são realizados três tipos de testes<sup>(3)</sup>. Em primeiro lugar, é testado o coeficiente de correlação, para avaliar a significância da correlação entre as séries no período comum. Ao invés de se testar unicamente se o coeficiente de correlação é igual a zero (hipótese nula) ou superior a este valor (hipótese alternativa), aplica-se também um teste mais exigente, através do qual é avaliado se o coeficiente de correlação é superior a 0,5. Em seguida, aplica-se o teste da diferença de médias entre duas amostras, considerando a variância desconhecida, para avaliar se as diferenças entre as médias das séries no período comum são significativas. Finalmente, também é testada a igualdade entre as variâncias amostrais, para o mesmo período, com o intuito de averiguar a existência de potenciais diferenças de volatilidade entre as séries<sup>(4)</sup>.

Se os resultados dos testes apontarem para a manutenção das características gerais das séries,

quebra após quebra, então pode-se considerar que existe evidência favorável à compilação de séries longas. Contudo, os resultados dos testes nem sempre são conclusivos e variam com o grau de exigência dos mesmos. Logo, resultados menos favoráveis (por exemplo, no teste do coeficiente de correlação) não põem necessariamente em causa a compilação de séries longas. Portanto, mesmo para as séries cujos resultados dos testes parecem ser menos favoráveis é feita uma tentativa de compilação de séries longas. No entanto, os utilizadores dessas séries deverão ter um cuidado acrescido aquando da sua utilização.

### 2.1. Variáveis quantitativas

#### 2.1.1. Indicadores de actividade económica

##### 2.1.1.1. Metodologia

Para obter séries longas consistentes para os indicadores de actividade económica é seguido um procedimento simples. Conforme foi mencionado anteriormente, o segmento mais recente das séries é mantido inalterado. Em seguida, as taxas de variação em cadeia dos segmentos anteriores são utilizadas para a retropolação a partir do segmento mais recente. Analiticamente, designando a série mais recente por  $x_t$  ( $t = 1, \dots, i, \dots, T$ ) e assumindo que esta série começa no período  $i$ , o método de compilação da série longa é o seguinte:

$$x_t^h = \begin{cases} x_t, & t = i, \dots, T \\ \frac{x_{t+1}^h}{1 + \Delta_{t+1}}, & t = 1, \dots, i - 1 \end{cases}$$

$$\Delta_t = \frac{\tilde{x}_t - \tilde{x}_{t-1}}{\tilde{x}_{t-1}}$$

em que  $x_t^h$  é o valor da série longa para o período  $t$  ( $t = 1, \dots, i, \dots, T$ ) e  $\Delta_t$  é a taxa de variação em cadeia calculada a partir dos segmentos anteriores ( $\tilde{x}_t$ ). Se, em vez de taxas de variação em cadeia, fossem utilizadas taxas de variação homóloga, os resultados obtidos não seriam os mesmos. Enquanto que neste último caso a série longa respeitaria as taxas de variação homóloga dos diversos segmentos, no primeiro caso, são preservadas não só as taxas de

(3) O período comum é o período de tempo durante o qual os segmentos pré e pós-quebra são recolhidos simultaneamente.

(4) Convém notar que o número reduzido de observações, no período comum, disponível para a realização dos testes pode condicionar os resultados dos mesmos.

variação em cadeia, como as taxas de variação homóloga, excepto nos anos de mudança de base.

### 2.1.1.2 Resultados

#### a) Índices de produção industrial:

O índice de produção industrial (IPI) pretende captar a evolução do valor acrescentado, a custo de factores, pela actividade industrial. O INE tem vindo a compilar séries do IPI há vários anos. A primeira vez que este índice foi divulgado foi em 1976 no *Boletim Estatístico Mensal* (INE), onde é possível encontrar séries desde Janeiro de 1968. A primeira base do índice foi 1970=100 (de Janeiro de 1968 a Dezembro de 1985), mas seguiram-se outras, nomeadamente 1985=100 (de Janeiro de 1985 a Dezembro de 1993), 1990=100 (de Janeiro de 1990 a Dezembro de 1998), 1995=100 (de Janeiro de 1995 a Agosto de 2002) e, actualmente, 2000=100 (iniciada em Janeiro de 2000).

Relativamente à produção industrial, as séries consideradas neste artigo incluem o índice total e outros nove índices, resultantes de dois tipos de desagregações: por Grandes Agrupamentos Industriais (GAI)<sup>(5)</sup> e por actividades económicas. No primeiro caso, são analisados cinco grupos - bens de consumo, bens de consumo duradouro, bens de consumo não duradouro, bens intermédios, bens de investimento e energia. No segundo caso, a classificação subjacente é a Classificação das Actividades Económicas Portuguesas (CAE rev. 2). Apenas três das categorias presentes nesta classificação são divulgadas no *Boletim Estatístico* do Banco de Portugal e, portanto, analisadas neste artigo: indústria extractiva; produção e distribuição de electricidade, gás e água; e indústria transformadora.

Todas as séries são corrigidas dos dias úteis. Actualmente, o INE usa um software específico (X12 ARIMA - Demetra) para realizar a correcção dos dias úteis. Todavia, no passado, outros métodos foram utilizados para este fim, nomeadamente métodos proporcionais. Como tal, para aumentar a coerência do procedimento de compilação, as séries corrigidas dos dias úteis utilizadas para obter as séries longas não são as originalmente divulga-

das pelo INE. Em alternativa, as séries consideradas resultam da correcção das séries brutas do IPI utilizando para tal sempre o mesmo método, que é semelhante ao método utilizado actualmente pelo INE<sup>(6)</sup>.

Após esta correcção, é possível avançar com a compilação das séries longas e realizar os testes acima referidos. Os resultados dos testes são: (i) parece existir uma forte relação entre as taxas de variação em cadeia das séries da base nova e da antiga (ver Quadro 1). Apenas as séries relativas à indústria extractiva é que, esporadicamente, apresentam valores menos favoráveis; (ii) o teste da diferença das médias mostra que, para um nível de significância de 5%, a hipótese nula (igualdade das médias) nunca é rejeitada; (iii) o mesmo acontece com o teste da igualdade das variâncias, excepto no caso da indústria extractiva para 1990=100 vs. 1995=100, onde a respectiva hipótese nula (igualdade das variâncias) é rejeitada<sup>(7)</sup> (ver Quadro 1).

Assim sendo, são compiladas séries longas do IPI desde Janeiro de 1968 (para algumas das categorias) (ver Quadro 2). Ainda que, em alguns casos, os resultados dos testes sejam menos favoráveis, também é compilada uma série longa para o IPI da indústria extractiva. Porém, os utilizadores devem encarar esta série de uma forma mais cuidadosa.

#### b) Índices de volume de negócios na indústria:

O objectivo do índice de volume de negócios na indústria (IVNEI) é medir a evolução mensal das vendas da indústria, sendo um importante indicador de curto prazo da actividade económica em geral. As primeiras séries do IVNEI, também divulgadas pelo INE, começam em Janeiro de 1990 e a sua base é o ano de 1990 (1990=100). A juntar a esta primeira base, seguiram-se mais duas:

(6) De facto, não é possível replicar exactamente os resultados do INE, no caso da base mais recente, porque o INE obtém as séries agregadas corrigidas dos dias úteis através da agregação das séries corrigidas dos dias úteis desagregadas (abordagem indirecta). Neste artigo, devido a limitações na base de dados, a correcção dos dias úteis é aplicada directamente às séries agregadas. No entanto, para a base mais recente, as diferenças detectadas não são significativas.

(7) A hipótese nula é rejeitada a um nível de significância de 5%, mas o mesmo não acontece a um nível de 1%.

(5) Ver Regulamento da Comissão (CE) nº 586/2001 de 26 de Março de 2001.

1995=100 (de Janeiro de 1995 a Agosto de 2002) e, actualmente, 2000=100 (iniciada em Janeiro de 2000).

No que diz respeito ao volume de negócios na indústria, as nove séries que são divulgadas no *Boletim Estatístico* são: o índice total e mais oito séries que resultam da desagregação por GAI<sup>(8)</sup> (como no caso do IPI) e por actividades económicas (CAE rev. 2). Neste último caso, apenas duas das categorias disponíveis na CAE rev. 2 são compiladas: indústria extractiva e indústria transformadora.

Os testes do coeficiente de correlação, da igualdade das médias e das variâncias também são realizados (ver Quadro 1). Apesar das mudanças de bases, os resultados indicam que o comportamento das séries do IVNEI se manteve estável. Efectivamente, a correlação entre as séries parece ser muito forte e a hipótese nula do teste da diferença entre as médias nunca é rejeitada. Por seu lado, os testes da igualdade das variâncias sugerem que a volatilidade das séries também não é afectada pelas quebras<sup>(9)</sup>.

Subsequentemente, aplicando a metodologia acima apresentada, são construídas séries longas para o IVNEI (ver Quadro 2).

### c) Índices de volume de negócios no comércio a retalho:

A compilação do índice de volume de negócios no comércio a retalho (IVNCR) tem como objectivo possibilitar o acompanhamento da evolução mensal das vendas no comércio a retalho, constituindo este índice um importante indicador para o consumo privado. As primeiras séries do IVNCR foram divulgadas pelo INE com base 1995=100 (de Janeiro de 1995 a Agosto de 2002). Estas séries substituíram as do Índice de Vendas no Comércio a Retalho (IVCR) que estiveram disponíveis de Janeiro de 1991 a Dezembro de 1997 (base 1990=100). As séries da base actual (2000=100) têm início em Janeiro de 2000. Considerando a informação apre-

sentada no *Boletim Estatístico*, foram consideradas onze séries relativas ao IVNCR: o índice total e mais dez séries resultantes da sua desagregação por actividades económicas (CAE rev. 2) (ver Quadro 2).

É importante esclarecer um aspecto em relação à transição do IVCR para o IVNCR. Enquanto que o índice total no primeiro caso inclui as vendas de “Automóveis, motociclos e bicicletas com e sem motor” e “Combustíveis”, o índice total do IVNCR exclui estes itens. Para tornar as séries comparáveis, é calculado o índice total do IVCR excluindo estas duas categorias. Esta transformação, a par das mudanças de bases, parece não ter afectado as características gerais das séries do IVNCR (ver Quadro 1). De facto, pode-se dizer que, com raras excepções, a média e a variância parecem manter-se estáveis e os coeficientes de correlação entre as taxas de variação das séries no período comum são bastante significativos<sup>(10)</sup>.

Aplicando a metodologia descrita na secção anterior, é possível compilar séries longas para o IVNCR desde Janeiro 1991 (para algumas das séries consideradas) (ver Quadro 2).

### d) Dormidas:

Aparentemente, dado que as dormidas são medidas em volume, não haveria necessidade de utilizar um método de retroplacção de forma a obter uma série longa consistente para esta variável. Uma das razões que poderia justificar a utilização deste tipo de método seria a existência de uma alteração no conceito subjacente à variável; porém, isso também não se verificou. A série das dormidas sempre se referiu ao número de pessoas que durante um período de tempo específico (das 12 horas de um dia até às 12 horas do dia seguinte) ficam alojadas num estabelecimento adequado para o efeito. Contudo, em 2002, a metodologia utilizada para obter estas séries sofreu uma alteração si-

(8) Ver nota de pé de página 5.

(9) A hipótese nula do teste da igualdade das variâncias é rejeitada unicamente duas vezes: no caso das séries dos bens intermédios (1990=100 vs. 1995=100) e nas dos bens energéticos (1995=100 vs. 2000=100). Apesar destes resultados, também são compiladas séries longas para os bens intermédios e para a energia. Contudo, estas séries devem ser vistas com mais cuidado.

(10) Existe evidência de uma maior volatilidade das séries “Têxteis, vestuário, calçado e artigos de couro” (1990=100 vs. 1995=100), “Produtos alimentares, bebidas e tabaco em estabelecimentos especializados” (1995=100 vs. 2000=100), e “Produtos não alimentares em estabelecimentos não especializados” (1995=100 vs. 2000=100) e a série “Comércio a retalho por correspondência” exhibe menores coeficientes de correlação. Ainda assim, é feita uma tentativa de construção de séries longas também para estas variáveis.

gnificativa, com a incorporação de uma estimativa para a não-resposta das unidades inquiridas (a não-resposta verifica-se quando uma das unidades da amostra falha em responder) com o objectivo de evitar o enviesamento decorrente das não-respostas (para mais pormenores, ver INE, 2003a). As novas séries das dormidas, que têm início em Janeiro de 2001, foram divulgadas pelo INE, em 2002. As séries anteriores foram divulgadas de Janeiro de 1964 (algumas das séries) a Dezembro de 2001. Dado que estas alterações metodológicas tornam as comparações históricas impossíveis, é necessário recorrer a um método de retropolação para obter séries longas das dormidas consistentes.

Como está claramente patente nos resultados dos testes realizados (ver Quadro 1), as alterações metodológicas não afectaram significativamente as características gerais das séries em causa. Os coeficientes de correlação entre as taxas de variação em cadeia das séries actuais e das anteriores são extremamente elevados e não existe evidência de quebras na média e na variância.

Recorrendo à metodologia acima descrita, é possível construir séries longas para as séries das dormidas, que no *Boletim Estatístico* aparecem desagregadas pelo país de residência dos turistas, desde Janeiro de 1964 até ao período mais recente disponível à data de realização deste artigo (ver Quadro 2).

## 2.1.2. Índice de Preços no Consumidor

### 2.1.2.1. Metodologia

O índice de preços no consumidor (IPC) é o principal indicador para medir a inflação. O INE divulga o IPC mensal desde 1977. Devido ao alargamento da cobertura geográfica, da cobertura populacional e da de produtos, à actualização dos pesos e a alterações metodológicas, ocorreram várias mudanças de bases, desde então até agora. As primeiras séries do IPC (Janeiro de 1977 - Dezembro de 1987) têm como base os preços de 1976 (1976=100). Até agora, existem mais quatro bases: 1983=100 (Janeiro de 1988 - Dezembro de 1991), 1991=100 (Janeiro de 1991 - Dezembro de 1997), 1997=100 (Janeiro de 1997 - Dezembro de 2002) e 2002=100 (iniciada em Janeiro de 2002).

Para obter séries longas do IPC consistentes, que permitam calcular as taxas de inflação (mensal, homóloga e média) que são divulgadas no *Boletim Estatístico*, é utilizado um método simples que assenta no facto de existir um período comum entre as séries de duas bases consecutivas. Considerando esse período comum, é calculado um coeficiente de ligação que é o rácio entre a série da base nova e a da base antiga. Se se assumir que o período comum coincide com o ano de base da série nova, então ao multiplicar a série da base antiga pelo coeficiente de ligação estamos a alterar a base dessa série, de forma a ficar igual à da série nova. Conforme anteriormente, a série da base actual é utilizada como referência. Neste caso, isto significa que as séries longas do IPC têm como base os preços de 2002 (2002=100). Por seu lado, as séries das bases anteriores são compatibilizadas com a série da base actual. Sendo  $\hat{i}_t^{2002=100}$  a série longa do IPC com base em 2002 e  $i_t^b$  a série do IPC com uma determinada base b (b = {1976=100, 1983=100, 1991=100, 1997=100, 2002=100}). Então,

$$\hat{i}_t^{2002=100} = \begin{cases} i_t^{2002=100}, & t = 2002:1, 2002:2, \dots \\ i_t^{1997=100} \cdot \frac{100}{i_{2002}^{1997=100}}, & t = 1997:1, \dots, 2001:12 \\ i_t^{1991=100} \cdot \frac{100}{i_{1997}^{1991=100}} \cdot \frac{100}{i_{2002}^{1997=100}}, & t = 1991:1, \dots, 1996:12 \\ i_t^{1983=100} \cdot \frac{100}{i_{1991}^{1983=100}} \cdot \frac{100}{i_{1997}^{1991=100}} \cdot \frac{100}{i_{2002}^{1997=100}}, & t = 1983:1, \dots, 1990:12 \\ i_t^{1976=100} \cdot \frac{100}{i_{1983}^{1976=100}} \cdot \frac{100}{i_{1991}^{1983=100}} \cdot \frac{100}{i_{1997}^{1991=100}} \cdot \frac{100}{i_{2002}^{1997=100}}, & t = 1977:1, \dots, 1987:12 \end{cases}$$

onde  $\bar{i}_\tau^b$  é a média do período  $\tau$  ( $\tau = 1983, 1991, 1997$  e  $2002$ ). Por um lado, este método de retropolação, também utilizado pelo INE, tem a vantagem de conservar a taxa de variação anual dos índices. Por outro lado, como os cálculos baseiam-se nos níveis dos índices, a taxa de variação em cadeia nos meses de mudança de base não é preservada.

### 2.1.2.2 Resultados

Relativamente às taxas de variação do IPC divulgadas no *Boletim Estatístico*, são analisadas treze séries: o índice total e a sua desagregação por classes (doze classes) (ver Quadro 2). Esta desagregação foi adoptada nas duas bases mais recentes

(1997=100 e 2002=100) e obedece à Classificação Individual por Objectivo (COICOP). Nas bases anteriores eram consideradas outras desagregações (nove classes nas bases 1991=100 e 1983=100 e quatro classes na base 1976=100). Em consequência desta realidade, é necessário reagrupar as classes das bases 1991=100, 1983=100 e 1976=100, para obter classes compatíveis para todas as bases consideradas. No caso da base 1991=100 este trabalho já é apresentado pelo INE, que divulga séries do IPC da base 1991 harmonizadas com a base 1997=100. Para a compatibilização das classes das bases 1983=100 e 1976=100 é utilizado um procedimento semelhante ao utilizado pelo INE, que consiste em reagrupar os índices mais desagregados disponíveis, de acordo com as novas características de cada classe<sup>(11)</sup>.

A acrescentar à compatibilização das classes, são assumidas outras hipóteses, nomeadamente em relação às rendas. Os preços relativos às rendas começaram a ser observados mensalmente em 1997. Desde então, o INE passou a divulgar um índice de preços mensal total. Entre 1988 e 1997, estes preços eram apenas observados anualmente e antes de 1988 nem sequer eram observados, devido a dificuldades de registo. Tendo em conta este facto, optou-se por, entre 1988 e 1997, transformar o índice anual da classe “Rendas” num índice mensal e introduzi-lo no cálculo da série longa do índice total. Esta transformação assume que as rendas são actualizadas, todas ao mesmo tempo, uma vez por ano, em Janeiro. Antes de 1988, pelas razões óbvias, o índice “Rendas” não é considerado nos cálculos das séries longas.

Existem ainda mais dois aspectos dignos de nota. O primeiro refere-se à cobertura geográfica do IPC. Apenas da base 1997=100 em diante é que o IPC Nacional é o índice de referência para o cálculo da inflação. Antes desta base, era o IPC do Continente que constituía a referência. Finalmente, de novo desde 1997, as reduções de preços (saldos e promoções) passaram a ser introduzidas no IPC. Esta introdução veio alterar o comportamento sazonal de alguns índices, nomeadamente do índice

“Vestuário e calçado”.

Fazendo uso da base de dados do IPC devidamente compatibilizada e seguindo a metodologia descrita na Secção 2.1.2.1, foram compiladas séries longas do IPC desde Janeiro de 1977 (em alguns casos) (ver Quadro 2).

## 2.2 Variáveis qualitativas

### 2.2.1 Metodologia

A informação qualitativa assume um papel importante na análise económica de curto prazo principalmente porque a sua divulgação não é afectada por desfasamentos temporais significativos. Outra razão relevante que ajuda a explicar esta sua importância é o facto de proporcionar indicações úteis sobre as expectativas dos agentes económicos, podendo indiciar antecipadamente pontos de viragem, por exemplo.

Neste contexto, o INE promove vários inquéritos de opinião, nomeadamente o inquérito de conjuntura à indústria transformadora, à construção e obras públicas e ao comércio. Os resultados destes inquéritos são apresentados sob a forma de saldos de respostas extremas, que traduzem a diferença entre a percentagem de respostas positivas e a de respostas negativas.

Sempre que um novo inquérito é implementado, em resultado da introdução de uma nova questão no questionário, ou da inquirição de uma nova amostra, ou por outra razão, ocorre uma quebra. No entanto, desde que uma determinada questão se mantenha, ao longo do tempo, no questionário, é possível calcular uma série longa associada aos resultados dessa questão.

A metodologia utilizada para calcular séries longas consistentes para os indicadores qualitativos é bastante directa. Conforme anteriormente, dado que as verdadeiras séries longas são desconhecidas, as séries actuais continuam a ser utilizadas como referência para avaliar as semelhanças entre os vários segmentos das séries. Como tal, as séries relativas aos inquéritos actuais são mantidas inalteradas. Adicionalmente, para verificar se as séries novas e antigas têm um comportamento semelhante, são efectuados os testes do coeficiente de correlação, da diferença das médias e da igualdade das variâncias<sup>(12)</sup>.

(11) Aplicando o procedimento de harmonização (utilizado para os índices com base 1983=100 e 1976=100) aos índices com base 1991=100, somos conduzidos a resultados próximos daqueles que são divulgados pelo INE. Isto acontece porque o INE usa um nível de desagregação superior àquele que é utilizado neste trabalho.

Assim, dependendo dos resultados dos testes, uma de duas abordagens de retropolação pode ser seguida, para o cálculo das séries longas. Se ambas as séries (nova e antiga) tiverem um comportamento e um nível semelhantes, então a série antiga seria simplesmente justaposta à série nova, sem quaisquer alterações. Pelo contrário, se os testes revelarem que a série nova e a antiga não partilham a mesma média ou a mesma variância (ou ambas) então a série antiga é modificada antes de ser justaposta à série do inquérito actual. Esta modificação pretende tornar a média e a variância da série antiga iguais às da série mais recente (a referência), tendo em conta o período comum. Analiticamente,

$$x_t^h = \begin{cases} x_t, & t = i, \dots, T \\ \left( \frac{\tilde{x}_t - \bar{\tilde{x}}_t}{\tilde{\sigma}_t} \sigma_t \right) + \bar{x}, & t = 1, \dots, i-1 \end{cases}$$

onde  $x_t^h$  é o valor da série longa para o período  $t$  ( $t = 1, \dots, i, \dots, T$ ),  $x_t$  e  $\tilde{x}_t$  representam as séries do inquérito actual e do anterior, respectivamente,  $\bar{\tilde{x}}_t$  e  $\tilde{\sigma}_t$  identificam a média e a variância das séries dos inquéritos antigos e, finalmente,  $\bar{x}$  e  $\sigma_t$  são a média e a variância das séries do inquérito actual.

## 2.2.2 Resultados

Antecipando alguns resultados, em geral, para os três inquéritos considerados, parece existir evidência de uma correlação bastante significativa entre as séries novas e antigas. Contudo, um pequeno número de séries apresenta valores menos elevados para o coeficiente de correlação. Ainda assim, é feita uma tentativa de compilação de séries longas também para estas séries.

(12) Para além do teste genérico da variância, foram realizados outros dois testes, comparando a variância da série nova e a da antiga na primeira e na segunda metade do período comum. *A priori*, poderia esperar-se uma maior variabilidade das séries relativas ao inquérito novo na primeira metade do período comum, devido à existência de uma transição na amostra. Se isto fosse verdade, então manter inalteradas as séries relativas ao inquérito novo poderia ser uma opção questionável. Contudo, para todos os inquéritos, os resultados dos testes não parecem apontar para a existência de diferenças estatisticamente significativas entre as variâncias de ambas as metades do período comum, corroborando a escolha de manter inalterado o segmento mais recente das séries na construção das séries longas.

a) Inquérito de conjuntura à indústria transformadora:

Considerando o inquérito de conjuntura à indústria transformadora (ICIT), o INE desenvolve dois tipos de inquéritos: um inquérito mensal e um trimestral. A informação recolhida é organizada segundo uma desagregação por tipo de bens. De acordo com esta desagregação, existem cinco categorias principais: total, bens de consumo, bens intermédios, fabricação de veículos e outros bens de equipamento. No entanto, as categorias da fabricação de veículos e de outros bens de equipamento não são consideradas porque apenas são divulgadas no inquérito mais recente.

Relativamente ao inquérito mensal, as variáveis inquiridas relevantes para este artigo são: produção global, procura global, procura externa, produção prevista, stock de produtos acabados e preços de venda previstos<sup>(13)</sup>. No que se refere ao inquérito trimestral, este artigo cobre apenas uma variável - a capacidade produtiva na indústria transformadora.

Para todas as categorias consideradas, o teste do coeficiente de correlação mostra que as séries do inquérito actual e as dos inquéritos anteriores estão bastante correlacionadas. Relativamente aos testes da média e da variância, os resultados são variados. A variância aparenta ser bastante estável. Efectivamente, de acordo com os resultados dos testes, parece não haver necessidade de corrigir a variância de qualquer uma das séries consideradas. Contrastando com este cenário, a média de várias variáveis mudou com os questionários. A partir do Quadro 1 verifica-se que a média de cerca de 50% das séries (11 em 21 séries) parece precisar de ser corrigida.

Desta forma, aplicando a metodologia descrita na secção anterior, são compiladas séries longas mensais do ICIT desde Janeiro de 1987 e séries longas trimestrais desde o quarto trimestre de 1987 (ver Quadro 2).

(13) Ainda que a variável "Procura interna" também seja divulgada no *Boletim Estatístico*, não é possível compilar séries longas para esta variável porque a questão que lhe está associada só foi introduzida no inquérito mais recente.

b) Inquérito de conjuntura à construção e obras públicas:

No que diz respeito a este inquérito, são consideradas quatro variáveis - apreciação da actividade, carteira de encomendas, perspectivas de emprego e perspectivas de preços. Cada variável é avaliada em quatro sectores diferentes: total, habitação, edifícios não residenciais e obras públicas. Ao todo, são analisadas dezasseis séries.

De novo, são realizados os testes do coeficiente de correlação, da média e da variância. As conclusões que daí se retiram não estão longe do esperado. Em primeiro lugar e em geral, os resultados do teste do coeficiente de correlação apontam para a existência de evidência favorável à compilação de séries longas<sup>(14)</sup>. No caso deste inquérito, a juntar à correcção da média, também é necessário ajustar a variância de algumas das séries (ver Quadro 1).

Subsequentemente, é possível compilar séries longas relativas ao inquérito de conjuntura da construção e obras públicas (ICCOP) desde Fevereiro de 1991 até à data mais recente possível (ver Quadro 2).

c) Inquérito de conjuntura ao comércio:

Relativamente ao inquérito de conjuntura ao comércio (ICT), o INE promove dois tipos de inquéritos: o inquérito mensal e o trimestral. Em ambos os casos, existem questionários separados para o comércio por grosso e para o comércio a retalho. Em relação ao inquérito mensal, as variáveis inquiridas, que são divulgadas no *Boletim Estatístico*, são: vendas, existências, perspectivas de encomendas a fornecedores, preços de venda, actividade no mês e actividade nos próximos 6 meses. Considerando o inquérito trimestral, são analisadas duas variáveis - as perspectivas de volume e de preços de venda. Neste último caso, existe mais do que um inquérito anterior; mais concretamente,

existem dois inquéritos anteriores (de 1976:1 a 1989:4 e de 1988:4 a 1996:1).

Os testes habituais (coeficiente de correlação, média e variância) são realizados. Em geral, os resultados do teste da correlação mostram que as séries no período comum estão bastante correlacionadas. Existem casos excepcionais, em que os valores para o coeficiente de correlação são menos elevados do que o que seria desejável. Nestes casos, os utilizadores devem ser mais cuidadosos aquando da utilização das séries. No que diz respeito aos outros testes, a variância revela ser bastante estável. De facto, só é efectuado o ajustamento da variância uma única vez. As diferenças nas médias são consideravelmente mais frequentes (ver Quadro 1).

Levando em conta as limitações dos dados, são construídas séries longas mensais e trimestrais do ICT desde Janeiro de 1989 e desde o primeiro trimestre de 1976, respectivamente (ver Quadro 2).

### 3. CONCLUSÕES

O principal objectivo deste artigo é construir séries longas mensais para algumas séries económicas portuguesas. Mais concretamente, as séries consideradas são as do IPI, do IVNEI, do IVNCR, do IPC e diversas séries relativas aos inquéritos de opinião (indústria transformadora, construção e obras públicas e comércio). Os métodos que guiam a compilação das séries longas também são apresentados. Para tentar reduzir o mais possível a subjectividade intrínseca a este tipo de trabalho, recorre-se a metodologias de compilação simples. Desta forma, é feita uma tentativa para produzir uma base de dados coerente, que possa ser útil em análises futuras.

---

(14) De forma análoga ao que foi realizado para outras séries, é feita uma tentativa para apresentar séries longas também para as séries que apresentam valores para o coeficiente de correlação não tão elevados.

**BIBLIOGRAFIA**

- Castro, Gabriela e Esteves, Paulo (2004) Séries trimestrais para a economia portuguesa: 1977 - 2003, *Boletim Económico*, Junho, Banco de Portugal.
- Eurostat (2002) *Methodology of short-term business statistics: Interpretation and guidelines*, [www.europa.eu.int](http://www.europa.eu.int).
- INE, Diversos Boletins Mensais
- INE (2003a) Estatísticas do Turismo, [www.ine.pt](http://www.ine.pt).
- INE (2003b) Índices de Preços no Consumidor Base 2002 - Nota Metodológica, [www.ine.pt](http://www.ine.pt).
- Mansfield, Edwin (1986) *Basic Statistics with Applications*, Norton.
- Pinheiro et al. (1997) *Séries Históricas Anuais para a Economia Portuguesa no período pós-Segunda Guerra Mundial*, Vol. II - notas metodológicas, Banco de Portugal.
- Pinheiro et al. (1999) *Séries Históricas Anuais para a Economia Portuguesa no período pós-Segunda Guerra Mundial*, Vol. I - séries estatísticas, versão revista e alargada a 1994 e 1995, Banco de Portugal.

**Anexo**  
**Quadro 1**  
**TESTES DO COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO, MÉDIA E VARIÂNCIA - continua**

	Coeficiente de correlação	Estatísticas de teste	
		Média	Variância
<b>Índice de produção industrial</b>			
1970=100 vs. 1985=100			
Total .....	0,95*	-0.051	1.707
Indústria extractiva.....	0,43	0.144	0.965
Produção e distribuição de electricidade, gás e água .....	0,98*	0.031	0.797
Indústria transformadora .....	0,95*	-0.061	1.856
1985=100 vs. 1990=100			
Total .....	0,98*	-0.077	1.269
Indústria extractiva.....	0,84*	0.711	0.356
Produção e distribuição de electricidade, gás e água .....	0,92*	-0.026	1.093
Indústria transformadora .....	0,99*	-0.185	1.456
1990=100 vs. 1995=100			
Total .....	0,97*	-0.054	1.001
Indústria extractiva.....	0,57'	-0.158	1,805*
Produção e distribuição de electricidade, gás e água .....	0,80*	-0.243	0.988
Indústria transformadora .....	0,98*	0.067	0.758
Bens de consumo.....	0,96*	0.052	0.691
Bens intermédios.....	0,97*	-0.002	0.915
Bens de investimento .....	0,94*	0.193	0.686
1995=100 vs. 2000=100			
Total .....	0,99*	0.001	0.980
Indústria extractiva.....	0,87*	0.112	0.658
Produção e distribuição de electricidade, gás e água .....	0,85*	-0.009	1.244
Indústria transformadora .....	0,99*	0.003	0.956
Bens de consumo.....	0,98*	-0.046	1.284
Bens de consumo duradouro .....	0,99*	0.025	0.862
Bens de consumo não duradouro.....	0,97*	-0.052	1.362
Bens intermédios.....	0,99*	0.021	0.946
Bens de investimento .....	0,98*	0.053	0.662
Energia .....	0,79*	-0.024	1.331
<b>Índice de volume de negócios na indústria</b>			
1990=100 vs. 1995=100			
Total .....	0,99*	0.007	0.979
Indústria extractiva.....	0,97*	-0.157	1.252
Indústria transformadora .....	0,99*	0.001	0.989
Bens de consumo.....	0,98*	0.045	0.855
Bens de consumo duradouro .....	0,93*	-0.146	1.335
Bens de consumo não duradouro.....	0,97*	0.059	0.823
Bens intermédios.....	0,98*	-0.232	2,072*
Bens de investimento .....	0,99*	-0.019	1.070
1995=100 vs. 2000=100			
Total .....	0,99*	-0.068	1.427
Indústria extractiva.....	0,96*	0.072	0.863
Indústria transformadora .....	0,99*	-0.045	1.157
Bens de consumo.....	0,96*	0.023	1.488
Bens de consumo duradouro .....	0,98*	0.033	0.909
Bens de consumo não duradouro.....	0,93*	0.045	1.519
Bens intermédios.....	1,00*	-0.061	1.101
Bens de investimento .....	0,96*	0.005	0.735
Energia .....	0,77*	-0.205	2,528*
<b>Índice de volume de negócios no comércio a retalho</b>			
1990=100 vs. 1995=100			
Total .....	0,97*	-0.198	1.529
Produtos alimentares, bebidas e tabaco .....	0,92*	-0.200	1.607
Produtos farmacêuticos, médicos, cosméticos e de higiene.....	0,90*	-0.023	0.921
Têxteis, vestuário, calçado e artigos de couro .....	0,50'	-0.480	1,963*
Móveis, artigos de iluminação e outros artigos para o lar.....	0,93*	0.495	0.423

**Quadro 1**  
**TESTES DO COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO, MÉDIA E VARIÂNCIA - continua**

	Coeficiente de correlação	Estatísticas de teste	
		Média	Variância
1995=100 vs. 2000=100			
Total .....	0,96*	-0.228	1.552
Produtos alimentares, bebidas e tabaco .....	0,89*	-0.117	1.234
Produtos não alimentares .....	0,95*	-0.236	1.427
Produtos alimentares, bebidas e tabaco em estabelecimentos não especializados .....	0,88*	-0.084	1.089
Produtos alimentares, bebidas e tabaco em estabelecimentos especializados .....	0,82*	-0.246	2,290*
Produtos não alimentares em estabelecimentos não especializados .....	0,86*	-0.866	3,200*
Produtos farmacêuticos, médicos, cosméticos e de higiene .....	0,83*	-0.103	1.211
Têxteis, vestuário, calçado e artigos de couro .....	0,94*	-0.251	1.131
Móveis, artigos de iluminação e outros artigos para o lar .....	0,96*	-0.224	1.498
Livros, jornais e artigos de papelaria e outros produtos .....	0,79*	-0.004	0.866
Comércio a retalho por correspondência .....	0.28	0.227	0.178
Dormidas			
Portugal .....	1,00*	-0.055	0.980
Estrangeiro .....	0,99*	-0.029	0.999
Europa .....	0,99*	-0.024	0.986
União Europeia .....	0,99*	-0.025	0.987
Alemanha .....	0,99*	-0.012	1.034
Espanha .....	1,00*	-0.027	0.990
França .....	1,00*	-0.017	0.929
Itália .....	1,00*	-0.032	1.034
Países Baixos .....	1,00*	-0.016	0.975
Reino Unido .....	0,99*	-0.029	0.978
América .....	1,00*	-0.038	1.026
Brasil .....	1,00*	-0.055	0.945
Canadá .....	1,00*	-0.017	0.978
Estados Unidos da América .....	1,00*	-0.030	0.986
África .....	1,00*	-0.111	0.984
Ásia e Oceânia .....	1,00*	-0.070	0.980
Japão .....	1,00*	-0.046	1.013
Inquérito de conjuntura à indústria transformadora - série mensais			
Total			
Produção actual .....	0,85*	-3,511*	1.070
Procura global .....	0,88*	-2,838*	0.387
Procura externa .....	0,90*	-1.397	0.739
Produção prevista .....	0,81*	-2,726*	1.229
Stocks de produtos acabados .....	0,86*	-0.237	0.914
Preços de venda previstos .....	0,94*	1.77	0.747
Bens de consumo			
Produção actual .....	0,46'	-5,543*	1.211
Procura global .....	0,42'	-5,603*	0.869
Procura externa .....	0,67'	-4,002*	0.724
Produção prevista .....	0.17	-3,512*	1.263
Stocks de produtos acabados .....	0,73*	3,524*	1.059
Preços de venda previstos .....	0,89*	0.742	1.121
Bens intermédios			
Produção actual .....	0,82*	-1.911	1.121
Procura global .....	0,96*	-1.925	0.730
Procura externa .....	0,87*	-1.808	0.724
Produção prevista .....	0,85*	-2,526*	1.607
Stocks de produtos acabados .....	0,89*	-0.733	1.376
Preços de venda previstos .....	0,92*	1.754	0.664
Inquérito de conjuntura à indústria transformadora - série trimestrais			
Capacidade produtiva na indústria transformadora			
Total .....	0,72'	-4,822*	2.187
Bens de consumo .....	0,59'	-7,332*	0.757
Bens intermédios .....	0,85*	-0.817	0.422

**Quadro 1**  
**TESTES DO COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO, MÉDIA E VARIÂNCIA - continuação**

	Coeficiente de correlação	Estatísticas de teste	
		Média	Variância
<b>Inquérito de conjuntura à construção e obras públicas</b>			
Apreciação da actividade			
Total .....	0,29	-3,116*	2,017
Habituação .....	0,81*	-3,587*	3,931*
Edifícios não residenciais.....	0,53'	-5,433*	2,091
Obras públicas.....	0,08	-0,467	0,436
Carteira de encomendas			
Total .....	0,44	-6,166*	2,399
Habituação .....	0,65'	-7,469*	0,789
Edifícios não residenciais.....	0,66'	-6,068*	1,317
Obras públicas.....	0,80*	-1,032	2,667
Perspectivas de emprego			
Total .....	0,67'	-7,333*	4,582*
Habituação .....	-0,09	-10,57*	1,273
Edifícios não residenciais.....	0,41	-9,076*	1,762
Obras públicas.....	0,53'	-1,302	0,941
Perspectivas de preços			
Total .....	0,27	4,199*	7,578*
Habituação .....	-0,3	6,009*	3,389*
Edifícios não residenciais.....	0,75'	-0,698	1,508
Obras públicas.....	0,52'	4,085*	2,066
<b>Inquérito de conjuntura ao comércio - séries mensais</b>			
Vendas			
Grosso.....	0,73*	-2,043*	0,833
Retalho .....	0,76*	-5,044*	0,740
Existências			
Grosso.....	0,45'	-4,95*	1,123
Retalho .....	-0,09	-3,085*	1,197
Perspectivas de encomendas a fornecedores			
Grosso.....	0,46'	-2,46*	0,997
Retalho .....	0,44'	-8,869*	1,121
Preços de venda			
Grosso.....	0,84*	4,168*	0,420
Retalho .....	0,84*	4,212*	0,879
Actividade no mês			
Grosso.....	0,19	-4,791*	0,326
Retalho .....	-0,17	-14,554*	1,969
Actividade nos próximos 6 meses			
Grosso.....	0,22	-2,106*	0,570
Retalho .....	0,25	-8,330*	2,610**
<b>Inquérito de conjuntura ao comércio - séries trimestrais.....</b>			
Primeiro e segundo inquéritos			
Perspectivas de volume de vendas			
Grosso.....	0,94*	-1,021	0,210
Retalho .....	-0,11	-1,226	0,032
Perspectivas de preços de venda			
Grosso.....	0,89'	0,479	1,092
Retalho .....	0,91*	0,140	1,181
Segundo e terceiro (actual) inquéritos			
Perspectivas de volume de vendas			
Grosso.....	0,86*	-1,681	0,809
Retalho .....	0,57'	-2,914*	0,296
Perspectivas de preços de venda			
Grosso.....	0,89*	1,380	0,634
Retalho .....	0,88*	3,064*	1,238

## Notas:

\* - A hipótese nula é rejeitada para um nível de significância de 5%. No caso do ensaio de hipóteses relativo ao coeficiente de correlação, a hipótese nula é a de que este coeficiente é igual a 0,5 e sob a hipótese alternativa o coeficiente de correlação é superior a 0,5.

' - Rejeita-se a hipótese de que o coeficiente de correlação é igual a zero, com um nível de significância de 5%.

**Quadro 2**  
**DATA DA PRIMEIRA OBSERVAÇÃO DAS SÉRIES LONGAS - continua**

	Data da primeira observação
Índice de produção industrial	
Total .....	Janeiro 1968
Indústria extractiva .....	Janeiro 1968
Produção e distribuição de electricidade, gás e água .....	Janeiro 1968
Indústria transformadora .....	Janeiro 1968
Bens de consumo .....	Janeiro 1990
Bens de consumo duradouro .....	Janeiro 1995
Bens de consumo não duradouro .....	Janeiro 1995
Bens intermédios .....	Janeiro 1990
Bens de investimento .....	Janeiro 1990
Energia .....	Janeiro 1995
Índice de volume de negócios na indústria	
Total .....	Janeiro 1990
Indústria extractiva .....	Janeiro 1990
Indústria transformadora .....	Janeiro 1990
Bens de consumo .....	Janeiro 1990
Bens de consumo duradouro .....	Janeiro 1990
Bens de consumo não duradouro .....	Janeiro 1990
Bens intermédios .....	Janeiro 1990
Bens de investimento .....	Janeiro 1990
Energia .....	Janeiro 1995
Índice de volume de negócios no comércio a retalho	
Total .....	Janeiro 1991
Produtos alimentares, bebidas e tabaco .....	Janeiro 1991
Produtos não alimentares .....	Janeiro 1995
Produtos alimentares, bebidas e tabaco em estabelecimentos não especializados .....	Janeiro 1995
Produtos alimentares, bebidas e tabaco em estabelecimentos especializados .....	Janeiro 1995
Produtos não alimentares em estabelecimentos não especializados .....	Janeiro 1995
Produtos farmacêuticos, médicos, cosméticos e de higiene .....	Janeiro 1991
Têxteis, vestuário, calçado e artigos de couro .....	Janeiro 1991
Móveis, artigos de iluminação e outros artigos para o lar .....	Janeiro 1991
Livros, jornais e artigos de papelaria e outros produtos .....	Janeiro 1995
Comércio a retalho por correspondência .....	Janeiro 1995
Dormidas	
Portugal .....	Janeiro 1964
Estrangeiro .....	Janeiro 1964
Europa .....	Janeiro 1993
União Europeia .....	Janeiro 1975
Alemanha .....	Janeiro 1964
Espanha .....	Janeiro 1964
França .....	Janeiro 1964
Itália .....	Janeiro 1964
Países Baixos .....	Janeiro 1964
Reino Unido .....	Janeiro 1964
América .....	Janeiro 1975
Brasil .....	Janeiro 1964
Canadá .....	Janeiro 1964
Estados Unidos da América .....	Janeiro 1964
África .....	Janeiro 1975
Ásia e Oceânia .....	Janeiro 1983
Japão .....	Janeiro 1983

**Quadro 2**  
**DATA DA PRIMEIRA OBSERVAÇÃO DAS SÉRIES LONGAS - continua**

	Data da primeira observação
Índice de preços no consumidor	
Total .....	Janeiro 1977
Produtos alimentares e bebidas não alcoólicas .....	Janeiro 1977
Bebidas alcoólicas e tabaco .....	Janeiro 1993
Vestuário e calçado .....	Janeiro 1975
Habitação, água, electricidade, gás e outros combustíveis .....	Janeiro 1977
Acessórios para o lar, equipamento doméstico e manutenção corrente da habitação .....	Janeiro 1977
Saúde .....	Janeiro 1977
Transportes .....	Janeiro 1977
Comunicações .....	Janeiro 1977
Lazer, recreação e cultura .....	Janeiro 1977
Educação .....	Janeiro 1977
Restaurantes e hotéis .....	Janeiro 1977
Bens e serviços diversos .....	Janeiro 1977
Inquérito de conjuntura à indústria transformadora - série mensais	
Total	
Produção actual .....	Janeiro 1987
Procura global .....	Janeiro 1987
Procura externa .....	Janeiro 1987
Produção prevista .....	Janeiro 1987
Stocks de produtos acabados .....	Janeiro 1987
Preços de venda previstos .....	Janeiro 1987
Bens de consumo	
Produção actual .....	Janeiro 1987
Procura global .....	Janeiro 1987
Procura externa .....	Janeiro 1987
Produção prevista .....	Janeiro 1987
Stocks de produtos acabados .....	Janeiro 1987
Preços de venda previstos .....	Janeiro 1987
Bens intermédios	
Produção actual .....	Janeiro 1987
Procura global .....	Janeiro 1987
Procura externa .....	Janeiro 1987
Produção prevista .....	Janeiro 1987
Stocks de produtos acabados .....	Janeiro 1987
Preços de venda previstos .....	Janeiro 1987
Inquérito de conjuntura à indústria transformadora - série trimestrais	
Capacidade produtiva na indústria transformadora	
Total .....	1986Q1
Bens de consumo .....	1986Q1
Bens intermédios .....	1986Q1
Inquérito de conjuntura à construção e obras públicas	
Apreciação da actividade	
Total .....	Fevereiro 1991
Habitação .....	Fevereiro 1991
Edifícios não residenciais .....	Fevereiro 1991
Obras públicas .....	Fevereiro 1991
Carteira de encomendas	
Total .....	Fevereiro 1991
Habitação .....	Fevereiro 1991
Edifícios não residenciais .....	Fevereiro 1991
Obras públicas .....	Fevereiro 1991
Perspectivas de emprego	
Total .....	Fevereiro 1991
Habitação .....	Fevereiro 1991
Edifícios não residenciais .....	Fevereiro 1991
Obras públicas .....	Fevereiro 1991

**Quadro 2**  
**DATA DA PRIMEIRA OBSERVAÇÃO DAS SÉRIES LONGAS - continuação**

	Data da primeira observação
Perspectivas de preços	
Total .....	Fevereiro 1991
Habitação .....	Fevereiro 1991
Edifícios não residenciais .....	Fevereiro 1991
Obras públicas .....	Fevereiro 1991
Inquérito de conjuntura ao comércio - séries mensais	
Vendas	
Grosso .....	Janeiro 1989
Retalho .....	Janeiro 1989
Existências	
Grosso .....	Janeiro 1989
Retalho .....	Janeiro 1989
Perspectivas de encomendas a fornecedores	
Grosso .....	Janeiro 1989
Retalho .....	Janeiro 1989
Preços de venda	
Grosso .....	Janeiro 1989
Retalho .....	Janeiro 1989
Actividade no mês	
Grosso .....	Janeiro 1989
Retalho .....	Janeiro 1989
Actividade nos próximos 6 meses	
Grosso .....	Janeiro 1989
Retalho .....	Janeiro 1989
Inquérito de conjuntura ao comércio - séries trimestrais	
Perspectivas de volume de vendas	
Grosso .....	1982Q1
Retalho .....	1976Q1
Perspectivas de preços de venda	
Grosso .....	1976Q1
Retalho .....	1976Q1